



Nau Literária
crítica e teoria da literatura em língua portuguesa
PPG-LET UFRGS ISSN 1981-4526
<http://seer.ufrgs.br/nauliteraria>
Vol. 15 N. 01 2019
Literatura

***Édipo Tirano*, magistralmente recriado no ritmo trágico**

Maria da Glória Bordini

Há várias traduções de *Édipo* de Sófocles, diretas do grego, no Brasil: Jaime Bruna (1964), em prosa; Mario da Gama Kury (1989), em dodecassílabos; Domingos Paschoal Cegalla (2001), em prosa e verso; Donald Schüler (2004), em versos livres; Trajano Vieira (2005), em vários metros; Flávio Ribeiro de Oliveira (2012), em versos livres; e Márcio Mauá Chaves (2018), em prosa. Vê-se que a tragédia tebana não só encontrou, ao longo do tempo, estudiosos interessados no desafio de vertê-la, mas também continua aberta ao leitor em geral, tendo em vista que algumas dessas edições estão permanentemente no mercado.

As perguntas que se impõem são: em que medida a nova tradução do poeta e professor de grego da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Leonardo Antunes, distingue-se das demais? E por que traduzir mais uma vez uma obra que se destina a um público não muito amplo, em geral, universitário e voltado à literatura clássica? As respostas se desenrolam em três níveis.

O tradutor, em primeiro lugar, afirma adotar uma posição filosófica quanto à tradução. Apoiando-se na *Obra aberta*, de Umberto Eco, acredita que qualquer texto ficcional possui aberturas de sentido que permitem a interpretação criativa do leitor. Para Antunes, não há, pois, tradução fiel. O sentido é estabelecido no diálogo do leitor com o texto. O argumento faculta ao tradutor desvios e/ou discordâncias em relação às traduções precedentes — e ele tem o cuidado de informar que o texto de partida, em grego, é o fixado por Francis Storr, para a Loeb Classical Library, volume 20, levando em conta algumas contribuições de Roger Dawe. Essa atitude criativa amplia as possibilidades de releitura do clássico.

Em segundo lugar, justifica a nomeação incomum da tragédia, valendo-se de uma tomada de posição política. Sem menosprezar os colegas e eruditos que o precederam, resolve escolher para título não o consagrado *Édipo Rei*, mas o menos frequentado, *Édipo Tirano*.

Suas razões residem na própria acepção grega do vocábulo, subir ao poder não por voto ou sucessão hereditária, mas por um golpe. Édipo chega ao governo de Tebas por um golpe do acaso: ter-se deparado com a Esfinge e ter decifrado o enigma que esta propunha a suas vítimas, livrando assim a cidade de seu terror. Só no final é denominado rei, ao ser identificado como filho de Laio, para logo reconhecer seu crime e cegar-se.

Em terceiro lugar, Leonardo Antunes tem uma ambição: reproduzir, em português, os ritmos dos coros gregos. O intuito é de que possam sustentar, com o auxílio da música, numa eventual encenação, a intrincada sintaxe dos versos de Sófocles, que ele igualmente busca recriar. Ele o faz por meio de alguns neologismos e hipérbatos que resultam num grande número de inversões e quebras da ordem usual da oração em português, o que dificulta sobremaneira a leitura desavisada.

A tradução, assim produzida, implica um trabalho laborioso na observância da sintaxe grega e na reconstituição dos metros empregados por Sófocles. O trímetro iâmbico, nos versos falados, é vertido em dodecassílabos, com o diferencial de que o tradutor considera todas as sílabas das palavras finais, e não apenas a acentuada. Consegue manter, na medida do possível, o ritmo binário do iambo, apesar de, por vezes, utilizar anapestos no primeiro hemistíquio. Nos cantados, não no dialeto ático, como as falas, mas no dórico, a extensão varia, embora ele comente que a divisão dos versos por vezes seja dificultosa. Em relevo, está a musicalidade dos *kommoi*, em que os personagens e o coro cantam alternadamente, e os ritmos empregados em português obtêm o efeito de lamento característico do gênero.

Antunes segue a lição de Aristóteles, na *Poética*, de que a elocução deve ser elevada, afastando-se da linguagem vulgar, mas não em demasia para não se tornar ininteligível (cf. Capítulo XXII). Assim, não rejeita o uso de neologismos, como “pluridourada Pitó” (p. 40) (alterando o acento costumeiro de Pito); ambiguidades, como em “Híbris produz o tirano”(p. 79), que pode ser lida também como “o tirano produz híbris”; e metáforas, como “um toque na balança leva o velho ao leito” (p. 84) ou “Como, eu pergunto, como foi que o mesmo solo em que teu pai/ te semeou suportou-te tanto?” (p. 103). Nas falas, o tradutor consegue conservar em boa medida a coloquialidade, como no extrato a seguir:

Diante disso, como se fosse meu pai,
eu lutarei por ele sem poupar esforços
na procura do autor de seu assassinato
[...]
A quem não proceder assim, eu rogo aos deuses
nem enviar colheita para sua terra,
nem filhos para sua esposa, nas no fado

presente perecer ou num mais odioso. (p. 44)

Mesmo assim, há inversões que prejudicam a fluência da fala, como na imprecisão a Tirésias em “Esses insultos, devo ouvir em nome dele?/ Por que não morres, não te apressas, não retornas/ de novo à casa de onde tendo vindo vás?” (p. 54).

Já nos corais, a observância da prosódia grega determina inversões e quebras do verso que por vezes interrompem o fluxo do canto: “Um senhor ao senhor vidente semelhante,/ semelho a Febo, só Tirésias, junto a quem/ buscando, meu senhor, se aprende com clareza.” (p.45). Igualmente em “Até que eu enxergue/ confirmadas as palavras, não acato que o censurem./ Sobreveio-lhe clara/ a donzela a revoar/ certa vez e foi visto/ como um sábio, doce à polis, que jamais/ há de ser o culpado de algum mal.” (p. 57), a sintaxe obscurece o sentido. A habilidade verbal do tradutor, porém, contorna as dificuldades postas pelo texto grego. Raramente, a escolha vocabular parece anacrônica, como o “contabilizo” em “Ai! Ó gerações mortais,/ Quando contabilizo, vossas vidas são nada” (p. 102).

Um dos pontos mais importantes da tradução de Antunes está na preservação da ironia trágica, da qual a peça de Sófocles é exemplo clássico. É possível identificar, no plano verbal, os enganos e más interpretações das personagens que as levam à catástrofe. Veja-se como Édipo se condena em: “Eu sou, portanto, dessa forma, um aliado/ tanto para o divino como para o morto./ E rogo piamente que o feitor – quem seja,/ um único despercebido ou entre vários –/ sem lote viva horrível vida horrivelmente.” (p. 43).

O tradutor consegue realizar um feito memorável, pois recria ritmos e elocução muito próximos do original grego, como já havia provado em sua tese sobre as *Odes Píticas*, de Píndaro. Os comentários, ao final de seu trabalho, expressam com clareza toda a perspicácia com que perseguiu as ambivalências da tragédia, expondo em detalhe o raciocínio que fundamenta suas decisões, o que revela possíveis problemas que outros tradutores poderiam enfrentar de outra forma. Não deixa de citar a bibliografia que sustentou seu trabalho, manifestando, mais uma vez, o rigor intelectual que orientou sua tradução.

O livro ainda inclui uma introdução do mentor de Leonardo Antunes, o professor da Universidade de São Paulo, Breno Battistin Sebastiani, com uma recensão da recepção de que a tragédia foi objeto, privilegiando certos sentidos conferidos à peça, para preparar o leitor sobre com o que irá se deparar na tradução. Desse modo, evoca os jogos de linguagem com os pés inchados, a oscilação indecível entre predestinação e livre-arbítrio, relê os episódios

numa chave mais filosófica, e — comparando o protagonista com Sócrates e Hamlet — propõe uma interpretação do fim trágico de Édipo como obra não dos deuses nem de sua *hamartía*, mas do acaso, do “vazio do saber” que ele não pode encarar.

Também o posfácio da psicanalista Maria Homem, filiada ao Núcleo de Pesquisa Diversitas, da FFLCH da USP, oferece uma leitura da tragédia, aproximando-a dos impulsos inconscientes ligados ao parricídio e ao incesto que Freud descobriu nos relatos de seus pacientes. A partir do mandato do oráculo de Delfos, que exige de Édipo saber quem é, a doutrina freudiana sobre o complexo de Édipo é revisitada e atualizada segundo as posições mais atuais, especialmente num tempo em que as formas de diversidade e de parentesco têm se multiplicado.

Enfim, o livro, no seu todo, merece um lugar especial na história da recepção brasileira da tragédia de Sófocles. É um *tour de force* enquanto tradução, extremamente cauteloso nas decisões tradutórias, muito bem apoiado nos estudos mais modernos sobre a peça, além de que está cercado de duas excepcionais contribuições críticas. Representa uma generosa doação de tempo e dedicação aos leitores que procuram compreender o incompreensível da condição humana; mas, em especial, é um incentivo aos estudantes de Letras e de Arte Dramática a que não desconsiderem a atualidade dos clássicos.

Referências

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução, prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Sousa. Porto Alegre: Globo, 1966.

SÓFOCLES. *Édipo Tirano*. Tradução e comentários de Leonardo Antunes. Introdução de Breno Battistin Sebastiani. Posfácio de Maria Homem. São Paulo: Todavia, 2018. 176 p.